

personagem

COACH DAIENE BERDOLDI CONTA EM LIVRO COMO DESCOBRIU TUMOR NO CÉREBRO MESES ANTES DO CASAMENTO

“Me casei com 73 pontos na cabeça”



Em novembro de 2019, Daiene Berdoldi tinha 36 anos e vivia um momento especial. Apesar de ser formada em Medicina Veterinária, atuava como *coach* e programadora neurolinguística e estava no auge da vida profissional: comandava uma empresa de consultoria e gestão de pessoas em São Paulo, cujo faturamento havia dobrado recentemente. Em paralelo, dava conta dos preparativos para o casamento, que seria em março do ano seguinte. Tudo ia bem até que começou a ter visões. “Em uma ocasião, eu tinha passado o dia inteiro mexendo na planilha de Excel que eu havia criado para a organizar a cerimônia. À noite, Marcos [o noivo] me perguntou alguma coisa sobre o bufê. Olhei para ele, e do lado de sua cabeça apareceu a planilha, flutuando no ar”, recorda.

Ela também passou a sentir mal-estar e calafrios, mas achava que os sintomas eram fruto de estresse devido ao excesso de trabalho e de afazeres. Somente quando ultrapassou um sinal vermelho e se assustou ao perceber que a situação estava saindo de controle é que tomou a decisão de procurar um neurologista. “Ele me pediu exames e, sem muito pudor, adiantou que poderia ser um câncer no cérebro”, conta ela, que descobriu também que estava perdendo a visão periférica há algum tempo.

TENSÃO APÓS O DIAGNÓSTICO

A confirmação do diagnóstico chegou no dia 4 de janeiro de 2020. Tratava-se de um tumor cerebral primário infiltrativo e expansivo, que já cobria 25% do órgão, atingindo, principalmente, o lado direito e se expandindo para o esquerdo. “Quando li o resultado, travei, fiquei paralisada, não sabia o que fazer. Cheguei em casa, contei para o meu noivo e depois chorei muito”, lembra Daiene.

Sem perder tempo, ela marcou consulta com um oncologista, que confirmou a necessidade de cirurgia. Mesmo assim, a *coach* preferiu ouvir diferentes opiniões e, num intervalo de três semanas e meia, conversou com quatro neurocirurgiões. Para um deles, perguntou quando poderia ser operada, pois estava preocupada com o casamento. “Contei que já estava com tudo contratado e fechado, incluindo a lua de mel. De forma ríspida, o especialista mandou desmarcar tudo e ainda disse: ‘Você está agitada demais. O que vai matá-la não é o tumor, é a sua ansiedade’.” Em função da gravidade da doença, e após o encontro com o último médico, Daiene e Marcos decidiram adiar a cerimônia. Eles namoravam há quatro anos e já moravam juntos há três,

Daiene tatuou no punho direito a imagem de uma pequena cicatriz: “Simboliza a conquista do livro”



Daiene Bertoldi

que o ser humano quando é anestesiado. O fluxo sanguíneo, os batimentos cardíacos e a atividade cerebral diminuem normalmente. E o ar condicionado tende a baixar ainda mais a temperatura. É um detalhe aparentemente simples durante a cirurgia, mas que pode determinar a morte ou manutenção da vida do animal.

A faculdade não ensina tudo. A maioria das lições são aprendidas na prática — especialmente nas cirurgias. Não se aprende a ler o que o animal sente. O dia a dia mostra. Um colchão térmico pode ser usado para manter a temperatura do *pet* durante a operação. Após a anestesia, ele volta confuso e precisa ser mantido aquecido. Já vi outras situações de o animal estar acordado enquanto as pessoas davam risada e gritavam no centro cirúrgico. Há cirurgiões veterinários que operam ouvindo música em volume altíssimo. São eras tão claros. É simples se colocar no lugar do animal e imaginar que você ficaria ao ser operado ao som de *rock* ou com a sensação de estar dentro de uma geladeira. Quando nos colocamos no lugar do outro, acertamos. Empatia.



A necessidade de investir em comunicação e empatia vai além das áreas da saúde. Uma das missões da medicina é promover qualidade de vida. A missão de quem trabalha no setor de casamentos é realizar sonhos. Vimos inúmeras vezes as duas propostas caindo por água abaixo. Falava excelência no atendimento. O ano de 2020 começou com meu diagnóstico do tumor cerebral confirmado. Por consequência, eu e o Marcos precisamos cancelar o casamento. Com Alexandre voltou a liberar a cerimônia e a festa depois de salvar minha vida. Foi uma grande alegria receber a notícia. No mesmo dia 14 de março, conseguimos realizar nosso sonho, com os mesmos fornecedores de antes. A relação com muitos deles, porém, já não era a mesma.

“Não quero que você pense em casamento neocirurgião deu início ao vaivém matrimonial. H meses do casamento, o sonho ruía. Antes de abrir cirurgia, naquele dia se abriram pontos no meu

Per trás da cicatriz

minha vida e até então cheia de saúde, trabalho e planos para o início da nossa família. A cicatriz também marcou o coração do Marcos. No mesmo dia, aquele homem forte e estruturado desabou em lágrimas ao olhar para a piscina do espaço que escolhemos para nos casarmos. “Eu ainda vou me casar com você. E aqui”, preferiu. Fiquei muito chateada ao presenciar a reação dele. Foi a primeira vez que o vi chorar mediante ao turbilhão de coisas que estávamos vivendo. Senti que naquele instante caiu a ficha dele sobre a turbulência que já vivíamos.

No olho do furacão, a gente precisava voar para cancelar todos os contratos. Nem precisamos pegar o avião para encarar a turbulência com a agência de viagens. Aquele foi o ápice do mau atendimento, da falta de humanização. Não era só o casamento. A lua de mel também estava impossibilitada. O sonho de ir a Dubai e Tailândia ainda não foi realizado — este foi o único cancelado de vez na época. Cheguei com exames e imagens do tumor em mãos para comprovar à atendente. Não havia outra solução diferente de cancelar as passagens, mesmo que a gente precisasse pagar multa. “Você não percebia nada? Não procurou um médico antes?” — aquele foi o atendimento mais desumano que enfrentei, lado a lado com o do neurocirurgião que sondou minha morte por ansiedade.

O grau de absurdo das palavras me espantou de imediato. Foi seguido de uma discussão. E terminou aos prantos. “Como assim, você não tinha dor de cabeça?” — aquela senhora falava comigo como se fosse um bate-boca de trânsito. Em nenhum momento pareceu ter compreendido o meu quadro. Certamente ninguém próximo a ela havia vivido algo parecido. “Que pena. Estou aqui com as passagens emitidas.” — aquilo era muita crueldade. O Marcos estava indignado. “Eu me senti obrigada a pensar de que forma eu imaginaria — ou planejar — o tumor cerebral. Diagnosticada com câncer há menos de duas semanas e para a mesa de cirurgia, me vi intimidada a justificar que não estava cancelando as passagens. A lua de mel se tornou amarga. Era mais do que os sonhos. Era a confirmação da nossa aliança, da família que

O decreto do beira da piscina do *buffet*, o problema nem foi falta de

238

mas oficializar a união na presença de familiares e amigos era um desejo de ambos.

A cirurgia foi marcada para o dia 30 do mesmo mês e durou sete horas e meia. Os médicos retiraram entre 70% e 80% do tumor e tentariam eliminar o restante com sessões de radioterapia e quimioterapia. Daiene sofreu algumas convulsões no pós-operatório, mas a recuperação foi muito rápida, a ponto de o médico liberá-la para remarcar o casamento antes mesmo de começar o tratamento complementar. “Após

“Quando li o resultado, travei, fiquei paralisada, não sabia o que fazer. Cheguei em casa, contei para o meu noivo e depois chorei muito”



Um mês e meio após a cirurgia, Daiene e Marcos se tornaram marido e mulher

quatro dias de internação, ele me disse: ‘Esse relatório que você me pediu para redigir em inglês é para justificar o cancelamento da sua viagem de lua de mel, certo?’ Eu disse que sim. Então, ele falou que viajar para longe eu não podia, mas casar, sim.”

Antes de reorganizar a festa, Daiene decidiu conversar com o noivo. Queria se certificar de que ele ainda desejava se casar com ela. “Eu tinha um câncer cerebral e não queria que ele carregasse esse fardo. Marcos respondeu: ‘Eu me caso com você careca, de peruca, de cadeira de rodas... Se tiver que te carregar até o altar, eu carrego. Tudo o que quero é me casar com você’.”

Quarenta e quatro dias após a cirurgia, os dois se tornaram oficialmente marido e mulher. “Eu me casei com 73 pontos na cabeça, dois deles infeccionados. A cerimônia ocorreu exatamente no mesmo dia e lugar marcados antes da operação e do jeito que planejei desde o início”, comemora Daiene.

POSITIVIDADE COMO ALIADA

Em abril daquele mesmo ano, Daiene fez a primeira das 30 sessões de radioterapia e completou o tratamento com 12 ciclos de quimioterapia oral. Ela acredita que sua positividade foi uma grande aliada para o sucesso da terapêutica. “Perdi metade do cabelo, sofri com efeitos colaterais, fiquei enjoada, indisposta, sonolenta e precisei dar uma pausa no trabalho, mas sempre foquei na solução, e não no problema”, afirma.

“Perdi metade do cabelo, sofri com efeitos colaterais, fiquei enjoada, indisposta, sonolenta e precisei dar uma pausa no trabalho, mas sempre foquei na solução, e não no problema”



Em meio a esse processo, ela lançou o livro *Por trás da cicatriz*, no qual conta sua experiência. As primeiras páginas foram escritas no hospital poucos dias antes da cirurgia. O objetivo era deixar um legado que servisse de inspiração para ajudar outras pessoas em momentos difíceis. Uma semana antes do lançamento da publicação, que é dedicada ao companheiro e foi inteiramente custeada por Daiene, ela tatuou no antebraço a imagem de uma pequena cicatriz. “Simboliza a conquista do livro. Foi tatuada no pulso direito porque sou destra e, sempre que estiver com um microfone na mão, contando minha história, quero lembrar da vitória que tive. É a única tatuagem que tenho, pois queria algo que realmente fosse significativo na minha vida”, explica.

A mesma imagem tatuada em sua pele aparece na contracapa e em vários momentos ao longo do livro. “Ela é usada como um intertítulo, ou seja, dentro de um mesmo capítulo, quando a leitura necessita uma pausa.”

Daiene segue fazendo as revisões periódicas indicadas para quem teve câncer. “Sou uma paciente oncológica em fase de controle semestral. E após pelo menos cinco anos em remissão é que poderei usar a palavra ‘cura’. Sigo otimista, plena e com vontade de viver.” ■